



BOLETIM ADVENTISTA

ANO XII - N.º 144

DEZEMBRO - 1974

CONFIANÇA NO GRANDE ARTISTA

No Grande Artista põe a confiança.

*Aquele que pintou o céu e o mar
de um tão sereno azul; que à terra lança
um verde manto a fim de a adornar,
e à primavera tudo faz flozir,
— é Ele que dirige o teu porvir.*

*A exímia Mão que tinge a alvorada
de sumptuosos tons de róscas cor,
e estende no horizonte a cortina dourada
à hora inquietante do sol-pôr
— promessa de outra aurora apeteçada —
é essa a Mão que te sustém a vida.*

*Dor entre mil conflitos, desenganos,
aquela Mão te molda ao que Lhe apraz.
Deixa-a operar seus feitos soberanos,
cuidado, não Lhe arruines o que faz!
No Grande Artista aprende a confiar,
no Artista que criou o céu e o mar.*

— Tomás Curtis Clark.

Há lugar para oração na vida moderna?

Ani Köhler

Entre os muitos escritos do poeta inglês Coleridge encontramos o seguinte referindo-se à oração: «O acto de orar, que concentre todas as faculdades do espirito humano, é o esforço máximo de que é capaz a criatura; na grande maioria, os homens do mundo, mesmo que possuam um grande saber, são totalmente incapazes de orar».

É um conforto para o ser humano compreender que a oração é uma coisa bem definida, não sendo apenas uma bela teoria. E, desde o começo do mundo, a experiência humana tem demonstrado que a oração tem um tremendo e real poder.

«Não é fraco o homem que ora. Só os espíritos fortes e nobres reconhecem uma força maior que a sua própria, e a buscam de joelhos.» — *Tarso Crazzel*.

Muitos se esquivam à oração, sob o pretexto da falta de tempo. Mas o motivo é que não dão o verdadeiro valor à oração particular. Os grandes homens, que tiveram

vidas marcantes, foram precisamente os que dedicavam muito tempo à oração. João Wesley levantava-se às 4 horas da madrugada, e se entregava à oração durante 2 horas. Lutero gastava 3 horas por dia e John Welch de 8 a 10 horas. O mais extraordinário porém, é que Jesus e Seus discípulos, quanto mais ocupados se achavam, tanto mais tempo dedicavam à oração.

Temos um modelo de oração na Bíblia Sagrada, dada por Jesus Cristo, e que se encontra em S. Mateus 6:6-13. Nossa oração deve ser dirigida ao Pai; devemos ter em mente que além de Criador Todo-poderoso, elevado em dignidade e santidade, Ele é um Pai cheio de amor e ternura. O amor de Deus em relação ao homem, indigno como este seja, está muito acima de tudo quanto possamos pensar ou imaginar.

Muitos não *pedem* a Deus em suas orações, mas *impõem*, como se Deus fosse um empregado. Devemos dizer: «Senhor faça-se a Tua vontade.» Orar não quer dizer: «Deus pode fazer,» e nos evadirmos de nossa própria responsabilidade, ou que devamos tentar persuadi-lo a fazer aquilo que não é o melhor para nós; também não é uma alavanca, pela qual queiramos submeter o Seu querer ao nosso. Oração é o meio pelo qual consentimos que Deus nos persuada a fazer aquilo que não queremos; significa deixar Deus agir por nosso intermédio, e significa força para assumirmos nossas responsabilidades.

Realmente devemos procurar que nossa comunhão com Cristo se torne cada vez mais íntima. Há nesta comunhão, não somente a importância de falarmos com Deus, mas também o facto de deixarmos que Ele fale connosco. Isto significa amparo e conforto ao nosso coração. Deveríamos esforçar-nos por ficar algum tempo cada dia a sós com Deus, tendo em vista a máxima: «Orar muito é trabalhar bem».

Nossas orações não deveriam ser controladas mediante um horário inflexível;

(Continua na pág. 4)

Boletim Adventista

Publicação mensal da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Angola

Director e Editor:
Ernesto Ferreira

Proprietária:
Casa Publicadora Angolana, SARL

Redacção e Administração:
Missão Adventista — C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão:
Missão do Bongo — C. P. 2 - Longonjo

Número Avulso 3\$00
Assinatura Anual 30\$00

ANO XII — DEZEMBRO de 1974 — N.º 144

O caso do bebê predestinado

por Azenilto G. Brito

O censo precisava ser feito com urgência. O governo exigia que os dados pessoais de cada morador fossem actualizados. Um novo sistema de computadores estava sendo adoptado e para que as alterações, resultantes da actualização de informações sobre cada um se processassem com a máxima precisão, a ordem governamental deveria ser cumprida à risca.

Determinou-se que todos os moradores das diversas cidades se apresentassem nos escritórios do governo na localidade de origem. O rádio, a televisão e os jornais noticiaram amplamente o decreto. Passagens de avião logo foram esgotadas, pois os ricos estavam sob a mesma obrigação que os pobres. Mas para estes as coisas não pareciam melhores — também os guichés das empresas de autocarros ou estações de caminho de ferro anunciavam não haver mais lugares.

Nestas condições é que o simpático casalzinho do interior se dispôs a partir cumprindo as exigências legais. Sabiam quão difícil aquilo lhes seria. A esposa, uma mulher jovem, de feições delicadas, deixava transparecer sob as largas vestimentas uma gravidez bem avançada. Suportaria bem a longa jornada por mal conservadas estradas dentro de incómodos e sacolejantes veículos? O esposo fazia o máximo para aliviar-lhe o desconforto, porém seus esforços pouco efeito podiam produzir.

Tudo suportaram com resignação e paciência. Estavam, enfim, na outrora pacífica cidadezinha de onde haviam partido há anos. Quão diferente lhes parecia agora com tanto movimento nas ruas, tantas fisionomias estranhas embora pouco progresso observassem quanto ao desenvolvimento geral da localidade.

Estavam muito fatigados. Ele nem tanto. Acostumara-se às rudezas da profissão de carpinteiro onde sempre manejava grossas toras de madeira na fabricação de tantos móveis. Mas tinham necessidade de repouso e mal chegavam ao destino uma no-

va peregrinação começou: era preciso descobrir um lugar para dormir.

Os hotéis de classe A estavam muito acima de suas possibilidades financeiras e os de classe B escapavam a seus minguados recursos. Os de tipo C estavam com lotação completa. Que fazer? Só havia uma saída: tentar uma daquelas pobres hospedarias próximas da estação rodoviária. Não havia outra escolha e decidiram partir naquela direcção, embora o fizessem a contragosto. Sabiam da fama daqueles estabelecimentos.

A situação era difícil. A esposa naquele estado carecia de repouso e tranquilidade para que, quando regressassem à cidade onde residiam, o parto transcorresse normalmente.

Dirigem-se a uma pequena hospedaria já nos arrabaldes. De longe podem ouvir o som de música e os risos das mulheres que se aproveitavam do excepcional movimento de viajantes para obter maiores lucros. Aproximam-se hesitantes. Entram no mal iluminado salão onde muitos bebericam, outros conversam numa loquacidade artificial, e alguns mais jogam cartas descontraidamente em torno de mesas fartas de garrafas e copos.

Encaminham-se ao dono da hospedaria, que fuma comodamente seu charuto à frente de um balcão. Expõem o caso. O homem está muito ocupado calculando seus lucros que nem levanta a cabeça. Os recém-chegados insistem em perguntar se não haveria um quarto vago, por mais barato e humilde que fosse, onde pudessem passar aquela noite.

O proprietário levanta finalmente os olhos. Mede-os de alto a baixo. Percebe logo que tem diante de si duas pessoas bem diferentes daquelas com quem está acostumado a tratar. Nota a situação da mulher, mas explica que não há mais vaga em seu estabelecimento.

— Sabe como é, justifica ele. Com esta convocação geral do governo, toda a gente tem que se mexer, e os mais espertos sempre chegam primeiro...

Os olhos da mulher se enchem de lágrimas. Não haveria ninguém que os pudessem ajudar?

Mas não adiantava indagar. O problema tinha que ser encarado de frente. A noite estava fria e não podiam passá-la ao relento. Com uma fervente prece a seu Deus, a futura mamã olhou suplicante para o homem do charuto. Um tanto comovido o homem lembrou-se de uma velha garagem desocupada nas traseiras. Havia lá um grande balcão que bem poderia ser transformado em cama. «É o melhor que posso fazer por vocês», explica enquanto bate as cinzas de seu charuto.

O casal agradece, considerando a oferta uma resposta de Deus a suas orações. Não tinham mesmo outra escolha. A noite já estende seu escuro cortinado sobre cidades e campos, colinas e vales de toda a região.

Instalada sobre a balcão em que pouco antes jaziam ferramentas e peças sujas de óleo e graxa, cercada por vários carros em conserto, a mulher, cujo nome era Maria, se deita mas não pode dormir. Sente logo as dores agudas que anunciam a vinda do filho. Ela ainda sorri quando vê seu filhinho recém-nascido, robusto e corado. Maria o envolve carinhosamente em alguns panos e o embala suavemente. Ela sabe que aquele pequenino ser é fruto de um milagre que não entende. Um mensageiro especial aparecera meses antes, comunicando-lhe todo o plano. «O menino», dissera ele, «deverá chamar-se Jesus pois está predestinado a cumprir missão muito especial sobre a Terra».

Ao apertar o bebê nos braços, Maria não imaginava que Aquele que procedera de seu ventre faria muitos amigos de diferentes classes sociais. Entre eles, estariam prostitutas como aquelas que rodeavam os hóspedes da pensão, ricos comerciantes dos hotéis de classe A e rudes soldados, como aqueles que faziam cumprir as severas leis do Império. Todos mereceriam igualmente Sua consideração. Seriam todos alvos de Seu infinito amor. A todos ofereceria gratuitamente o Seu perdão, e muitos corresponderiam a Seus apelos de salvação.

Trinta e três anos depois aquele Bebê estaria pendurado numa cruz, morrendo em favor de publicanos e sacerdotes, ricos e pobres, poderosos e humildes. Por mim e por você.



Há lugar para oração na vida moderna?

(Continuação da pág. 2)

mas buscando a Deus em orações secretas, devemos tornar a oração um hábito em nossa vida, associando a vontade de Deus à nossa. Disse Lutero: «Pela oração julgo-me mais forte do que Satanás; se não fosse, Lutero já há muito teria sido derrotado. Entretanto os homens não se querem vencer das grandes maravilhas que Deus opera a seu favor. Se eu negligenciasse um só dia a oração, sentir-me-ia grandemente fraco na fé.»

Pensam alguns que Deus não atende as suas orações. Mas, Ele atende a todos no devido tempo; demora às vezes a responder, e em outras ocasiões temos uma resposta rápida à nossa petição. Em S. Mateus 7:8 encontramos uma promessa maravilhosa: «Porque, aquele que pede, recebe; e o que busca encontra; e, ao que bate, se abre.» Notemos o cuidado que o Senhor teve em não dizer, no texto, que aquele que pede recebe exactamente o objecto de sua petição. Nossa vida é dominada pelo Eu. Por isso o Senhor, em sua lição no tocante à oração, diz: «Aquele que pede, recebe,» porém Se acautela de dizer que receberá tudo o que pedir.

Há vezes em que Deus demora em atender a nossa oração; isto, porém, não justifica a nossa pequena fé quando oramos. Ele, de uma forma ou de outra, nos atenderá, e quando nos demonstra que aquilo que pedimos não é bom para nós, é porque terá «provido alguma coisa melhor no tocante a nós.» Hebreus 11:39-40.

Nunca em nossa vida temos que ter tanta fé como quando oramos. E se oramos meramente por costume ou regra, esta oração será nula. Em Hebreus 11:6 lê-se: «De facto, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam». A Escritura Sagrada é a regra de fé e prática, e quem dela se servir jamais abrigará no coração qualquer dúvida com respeito à eficácia da oração; e é por meio dela que ficamos sabendo que a oração é uma realidade, e não uma fantasia, como muitos querem crer.

Dizem que a música é uma das melhores coisas que ainda temos neste mundo, e a ela poderíamos acrescentar as flores, os pássaros e outras belezas da Natureza. Mas, a coisa realmente mais maravilhosa, é o concerto harmonioso da alma humana com o seu Criador, por meio da oração.

A LUZ CONFIRMA O LIVRO DE DEUS

É provável que algumas pessoas tenham a impressão de que a ciência prova, de modo concludente, que oração, pecado, obediência a Deus não passam de tolices. O brilhante cientista inglês, Prof. Albert H. Watson, tem coisas muito interessantes a dizer sobre isso neste artigo sobre a luz, e o que a luz nos pode mostrar a respeito de Deus e da Bíblia.

Prof. ALBERT HAMILTON WATSON

Mal se passavam dezasseis dias do século dezanove. Napoleão tornara-se o terror da Europa, e Nelson, o herói da Inglaterra. As batalhas em terra dos franceses só se igualavam com as brilhantes vitórias navais do almirante britânico. Trafalgar estava ainda cinco anos e meio distante, e Waterloo uns dez. Mas aqueles dois gigantes já haviam lançado sua sombra por toda a Europa.

E na área científica também se alongava a sombra de um grande génio. Falecera há três quartéis do século anterior, mas Isaac Newton ainda dominava o mundo da «filosofia natural». Durante sua existência fundou-se a famosa *Royal Society for the Improvement of Natural Knowledge* (Sociedade Real Para o Incremento das Ciências Naturais), da qual se tornou, posteriormente, seu mais famoso presidente. E nessa data, 16 de Janeiro de 1800, seus membros deviam ouvir uma dissertação sobre os trabalhos de Newton. O ensaio foi lido por um jovem notável, Thomas Young, cu-

ja capacidade quase se emparelhava com os grandes nomes da ciência na Inglaterra daqueles últimos cem anos. Young expressou admiração pelas grandes descobertas de Newton, porém denunciou como insustentável sua resposta à antiga indagação: «Que é a luz?»

Acreditava Newton que os raios de luz consistiam em partículas que viajavam em linhas rectas, às quais denominou «corpúsculos», e por isso sua teoria se tornou conhecida como «teoria corpuscular.» Assim conseguiu explicar praticamente tudo que se conhecia acerca da actuação da luz em seus dias. Christian Huygens, holandês contemporâneo de Newton, propôs a teoria ondulatória da luz. Ensinava ele que, assim como uma pedra atirada num lago tranquilo provocava ondas circulares na superfície, também a luz emite ondas que se espalham no espaço em todas as direcções. Mas o que é que ondeia? O que corresponde à superfície da água que oscila para cima e para baixo enquanto a onda segue seu

curso? Se a luz é uma vibração, o que está vibrando? A resposta de Huygens era que existe uma substância, a que denominou «éter», que penetra todo o espaço bem como a matéria. É esta substância que vibra quando as ondas de luz passam.

A princípio também Newton havia sido atraído para essa teoria, mas quando publicou seu famoso livro *Opticks*, em 1704, decidiu-se pela teoria corpuscular. E tinha boas razões para essa escolha. A teoria ondulatória exigia um «éter» e Newton não gostava disso. Deveria ser uma substância com estranhas propriedades. A fim de transmitir luz a grande velocidade, devia ser elástica e ainda assim exercer uma resistência extremamente diminuta ao movimento dos planetas, pois estes corpos celestes não demonstram sinal de diminuírem a velocidade. Além disso, as ondas encurvam-se, e o que se conhecia então sobre sombras parecia firmar, acima de quaisquer dúvidas, que a luz viajava em linhas rectas. Assim raciocinava Newton, e por um século homens de ciência acharam convincente esse raciocínio. Temos também que admitir que sua sólida reputação ajudou a fortalecer seu argumento.

Quem era então esse Thomas Young que teve a ousadia de denunciar a hipótese do mestre? Sob todos os pontos de vista ele foi notável. Aos dez anos de idade estudava Latim e Grego, e aos 14 tinha sólidos conhecimentos dessas línguas, como também de Francês, Italiano, Hebraico, e mesmo de Árabe e Persa. Aos vinte anos começou a estudar Medicina. Dentro de um ano explicou a acomodação do olho, e um ano depois foi eleito para a *Royal Society*. Foi professor de Física naquele instituto por dois anos, durante os quais fez 91 conferências que continham espantosas idéias originais que vieram antecipar o trabalho feito por outros, anos depois. Foi um dos primeiros a decifrar hieróglifos egípcios da famosa Pedra Roseta. Foi assim considerado o último homem a abranger todos os conhecimentos.

Até os dias de hoje alunos de Física estudam a «interferência» de dois feixes luminosos que passam através de duas fendas contíguas denominadas «fendas de Young». Foi ele quem descobriu que quando estes dois raios alcançam um filtro distante uma ou duas jardas, não se mostram como duas riscas brilhantes de luz, mas como uma série de faixas brilhantes e escu-

ras. Este fenómeno talvez não possa ser explicado por um modelo «corpuscular» de luz. Como podem dispor-se por si mesmas em várias linhas dessa forma? Se fossem exactamente duas faixas brilhantes, a teoria corpuscular seria adequada. Mas várias faixas distintas? Não! Por outro lado, um modelo ondulatório de luz explicaria com muita clareza a existência de várias faixas.

Quem alguma vez atirou seixos num lago tranquilo certamente observou as belas ondulações desdobrando-se em círculos cada vez maiores. Quando as ondas provocadas por uma pedra alcançam as provocadas por outra pedra, elas se atravessam. E ao fazerem-no observa-se que interferem umas com as outras de modo que, em algumas partes, as ondas tornam-se mais altas do que as originais, e em outras partes, onde a superfície é perfeitamente calma sem nenhum movimento ondulatório, há faixas estreitas de ondas. Se o leitor não observou este fenómeno, procure fazê-lo quando tiver oportunidade. As faixas de ondas são estreitas, porém perfeitamente definidas, destacadas.

Ora, se a luz é uma forma de movimento ondulatório, poderemos descobrir algo semelhante a estas faixas de água calma no comportamento da luz. Lembremo-nos de que a presença das ondas é análoga à presença da luz, e análoga à ausência de ondas, ou sejam as faixas da água calma. Podemos ver que as experiências de Young fornecem o próprio fenómeno que buscamos. Sob o aspecto da teoria ondulatória da luz podemos explicar as séries de faixas brilhantes e escuras; sob o aspecto da teoria corpuscular, não o podemos.

Em 1801, Young anunciou sua descoberta à *Royal Society*, e assim iniciou-se a decadência da teoria corpuscular de Newton, bem como a ressurreição e triunfo da teoria ondulatória de Huygen. Muito trabalho experimental feito durante o século XIX determinou o que parecia «prova» irrefutável da teoria ondulatória. Você provavelmente observou pelo menos um dos muitos fenómenos que apoiam a teoria. Numa noite chuvosa, se você tem o guarda-chuva aberto, inclinado para a frente a fim de proteger-se da chuva, e olha através do pano uma lâmpada distante, verá pontos de luz como cruzinhas. É exemplo de interferência de luz.

Por isso a teoria ondulatória tornou-se plenamente triunfante no século XIX. Foi um século de notáveis conquistas nas ciências físicas, ao ponto de, em seu final, um físico de renome se sentir suficientemente confiante para afirmar que todas as principais descobertas no campo da Física haviam sido feitas, e o que restava seriam aprimoramentos dos conhecimentos da época. Não podia ter escolhido pior momento para uma tal afirmação. O século seguinte trazia consigo algumas das mais impressionantes descobertas que deveriam revolucionar a Física. Tão diferente é a Física de nossos dias que lhe demos um nome especial: «Física Moderna», para diferenciá-la da que existia antes do século XX, denominada «Física Clássica» ou «Física de Newton.» E como ocorreu no século XIX, o surgir do século XX trouxe seu Thomas Young, desta vez na Alemanha. Como Young dera uma guinada da teoria corpuscular para a teoria ondulatória, assim Max Planck deu uma guinada em sentido contrário. Como?

A toda-triunfante teoria ondulatória dos últimos tempos sofria dois ou três contratempos sem importância. O físico alemão Wilhelm Hallwachs descobriu que se desse uma carga eléctrica negativa num pedaço de zinco, e fizesse recair nela «luz» ultravioleta, a placa perderia sua carga. Quando se empregou luz de maior extensão de onda, nada aconteceu, não importava quão extensa fosse a luz. Isto foi muito desconcertante. A teoria ondulatória da luz deveria revelar que esse aumento de intensidade era tudo quanto se necessitava para deixar escapar a carga negativa. A experiência, porém, contradizia isto positivamente. Além disso, não dava indicação alguma por que as ondas de mais curta extensão deveriam ocasionar a descarga e não as ondas de mais longa extensão. Por outro lado, vários pesquisadores estiveram estudando a distribuição da energia no espectro. Aquela faixa de cores do «arco-íris» foi objecto de muita pesquisa, e a teoria ondulatória ajustava-se maravilhosamente aos factos; quanto, porém, a explicar como a energia eléctrica se distribuía em cores, ficava o problema. Muitos nomes famosos se ligam à pesquisa de uma fórmula que se ajuste aos factos, mas nenhum teve êxito.

A parte mais problemática do espectro era a extremidade violeta, e além desta, a região ultravioleta. Neste ponto o desacor-

do entre a teoria e a experiência foi tão surpreendente que foi denominado «catástrofe ultravioleta». O próprio Planck obteve uma fórmula tão impossível como as outras. Assim estudou o assunto de um ponto de vista diferente, e achou necessário dispersar a energia da luz em pequenos «pedacinhos» para fins de cálculo. Sua idéia era que deveria reduzir essas partículas até que se tornassem tão diminutas ao ponto de redundarem numa cadeia de ondas contínuas.

Para sua satisfação, a fórmula que obteve antes de fazer qualquer redução ajustou-se plenamente à experiência. Então se pôs a reduzir, e para seu espanto o resultado começou a desviar-se do previsto, e achou-se de novo na estaca zero. Teria ele o resultado correcto se deixasse a energia da luz nos «pedacinhos». Isto o perturbou. Que deveria fazer?

Após cuidadosas observações, Planck concluiu que nada mais restava a fazer senão aceitar que a luz devia radiar-se em partículas diminutas. Ela não deixaria sua fonte em raios reduzidos como a água, provinda de uma mangueira, mas em pequenos estalos separadas, como balas que saem de uma arma de fogo. Tratava-se de uma hipótese ousada, e Planck pagou pela ousadia, sendo desconsiderado. Publicou, em 1900, suas descobertas, mas ninguém tomou conhecimento dele. Isto, talvez, fosse esperado, pois a teoria contrariava frontalmente a bem firmada teoria ondulatória.

Cinco anos depois, porém, um jovem judeu-alemão que residia na Suíça, depois de ler o trabalho de Planck, utilizou a idéia deste para resolver o problema que havia embaraçado Hallwachs. Foi uma brilhante proeza de uma mente jovem que alçava as alturas de sua capacidade. Esse jovem era Albert Einstein, que deveria tornar-se o Newton do século XX. Desta vez o mundo tomou conhecimento do assunto. Se a «teoria dos quântuns» elaborada por Planck (tal era a designação da teoria) podia resolver problemas difíceis, é que tinha algo para isto. E novamente a história do triunfo é algo semelhante à história da teoria ondulatória no século XIX, com uma diferença: a teoria ondulatória ainda não está totalmente abandonada. Ainda se necessita explicar alguns fenómenos da luz, como a interferência, difracção e polarização.

Desta forma, a ciência acha-se no momento em posição embaraçosa. Há duas teorias sobre a natureza da luz. Uma afirma que a luz tem um movimento ondulatório, e outra diz que ela consiste de raios de partículas incrivelmente diminutas chamadas «quântum». Uma teoria explica fenômenos que a outra não pode explicar, e são ainda contraditórias. Note bem, fizeram-se esforços para uni-las, tentativas bem engenhosas. Nenhuma delas, porém, satisfatória. Permanece a fenda entre ambas. Cumpre-nos contentarmo-nos em explicar alguns fenômenos por uma teoria, e outros pela teoria oposta.

De facto, esta situação está longe de ser satisfatória, e tem preocupado muitos cientistas. Como se observa, trata-se de uma daquelas dificuldades causadas por uma profunda incoerência que persiste há mais de meio século. Podemos esperar por uma solução? Podemos, talvez, preferir uma, mas certamente sem nenhuma certeza. Por isso a razão humana está numa espécie de impasse.

Dois pontos exigem comentário. A investigação científica é um campo excitante e dinâmico da actividade humana; não é, porém, como julgam muitos, um gabinete elaborador da verdade infalível. É na maior parte produto da mente humana — a falível mente do homem que leva o rótulo «Maneje com cuidado». Isto não quer dizer que não se deva confiar nela. Seria um erro afirmá-lo categoricamente. Seria o mesmo que não confiar em dois grupos de futebol altamente qualificados empenhados numa partida, só porque o locutor que transmite o jogo nos dá a impressão de que ora um está ganhando, ora o outro. E quem despreza o comentário do jogo, não entende a natureza e finalidade do comentário. Não invalida o valor das equipas. A ciência é uma espécie de comentário do homem que investiga os mistérios da Natureza. Num momento a onda da investigação flui numa direcção; logo, porém, o refluxo mandará tudo para direcção bem diferente.

Deve-se, contudo, observar que, em nenhum sentido, isto significa descrédito da ciência. Não poderia empenhar-me em nenhuma campanha que diminuisse minha profissão. Sou cientista. Pelo contrário, logo compreendi que as errôneas idéias científicas quando dogmatizadas, podem levar à falta de confiança na ciência.

Agora, o segundo ponto. É interessante observar que uma das primeiras declarações da Bíblia relaciona-se com a luz. «E disse Deus: Haja luz; e houve luz.» Gênesis 1:3. Tem-se procurado demonstrar que esta é uma declaração da Escritura, sem base científica. Quando a teoria ondulatória não tinha competidora, afirmava-se que, desde que a luz era apenas uma vibração — uma oscilação dentro do éter luminoso — não fazia sentido dizer que Deus criara a luz. Que criara Ele, uma oscilação?

A objecção, porém, hoje está desacreditada. Se, quando convém, a ciência concebe a luz como partículas, então não é tão anti-científico falar da criação divina dessas partículas. Surge a indagação: Se isto agora é cientificamente aceitável, não era uma afirmação «científica» no século XIX? É difícil responder, porque geralmente o adjectivo «científico» se emprega no sentido de «verdadeiro», «exacto», ou «possível conforme as leis da Natureza». Neste caso a pergunta sugere que Gênesis 1:3 era tão exacto no século XIX como o é agora. A palavra «científico» significa com mais exactidão «de acordo com as actuais teorias da ciência», e nesse caso podemos concordar que Gênesis 1:3 não era «científico» durante o século XIX. Contudo, à luz do que tem ocorrido desde então, é claro que uma tal declaração não é uma crítica do Génesis; ao contrário, é de novo um reconhecimento da mutabilidade da ciência. Para o cristão inteligente, a Escritura Sagrada é a imutável palavra do Deus vivo. Ele é imutável, não porém o homem. Errar é humano. Por que então trazemos a Bíblia ao tribunal da ciência? Que justificação há em pedir à ciência que nos diga onde a Escritura está certa? Certamente o homem moderno tem as coisas de cabeça para baixo, e amanhã a ciência pode falar em outra voz. No último século a ciência (como vista por muitos) teria condenado o Génesis por engano acerca da criação da luz. Hoje isto foi abandonado.

Estas observações, de modo algum são novas. Há mais de dois milénios e meio um profeta de Jeová dissera: «Toda a carne é erva, e toda a sua glória como a flor da erva; seca-se a erva e caem as flores, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade o povo é erva; seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece para sempre.» Isaias 40:6-8.

Os Membros da Igreja e a Terminação da Obra

Dos *Testemunhos*, vol. 9, pag. 117, transcrevemos a seguinte declaração: «A obra de Deus neste mundo nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja.»

Aos adventistas do sétimo dia foi confiada a obra de proclamar a última mensagem de advertência de Deus ao mundo. Quando esta mensagem tiver sido dada a cada nação, tribo, língua e povo, a obra de Deus na terra terá terminado, e Cristo virá. De maneira que se a obra de Deus na terra não se pode finalizar antes que os membros da igreja unam seus esforços para fazê-la, a responsabilidade da demora da terminação da obra repousa em grande parte sobre eles.

Pelas palavras abaixo é óbvio que a obra poderia terminar presto se os membros da igreja lançassem mãos a ela. «Se cada um de vós fosse um missionário activo, a mensagem para este tempo poderia ser rapidamente proclamada em todos os países, a cada povo, nação e língua.» — *Test.*, vol. 6, pag. 438.

Todo o observador do Sábado que realmente ama ao Senhor, almeja a conclusão da obra, o tempo do descanso, quando o Senhor dos senhores e Rei dos reis vier para levar Seu povo às mansões celestiais, e o pecado, a tristeza, sofrimento e morte não mais flagelarem o povo de Deus. Quanto

eles realmente anelam esse tempo revelar-se-á pelos seus actos, pois por eles a finalização da obra será apressada ou impedida. Quão magna é, pois, a responsabilidade da igreja! A obra de Deus para a salvação de almas perdidas está agora nos dias de sua finalização, e ao pequeno exército de adventistas do sétimo dia foi dada a honra de ser instrumentos de Deus para terminar esta obra.

Aç Consequências da Inércia

Há três coisas necessárias para manter o corpo em bom estado: ar, alimento e exercício. Uma pessoa pode viver somente alguns momentos sem ar, e só poucos dias sem alimento. Poderá viver anos sem exercício, mas será sempre fraca e débil.

Existe uma íntima analogia entre a vida física e a espiritual. Três são as coisas necessárias para um completo desenvolvimento da vida espiritual: oração, estudo da Bíblia e trabalho missionário. Se um cristão negligencia e finalmente abandona a oração e o estudo da Bíblia, segue-se a morte espiritual. Uma vida espiritual fraca pode ser mantida sem se fazer trabalho missionário, mas ficará sempre fraca. O exercício espiritual ou trabalho em favor de outras almas é necessário para desenvolver espiritualidade profunda e fazer do cristão uma potência para o bem.

A repreensão dada à igreja dos últimos dias é devida a ser ela morna, negligente, indiferente, pensando que tudo vai bem quando em verdade não é assim. «Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente! Assim, pois que és morno e nem és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.» Apocalipse 3:15, 16.

«Como a igreja está usando hoje o conhecimento que recebeu da verdade de Deus? Quando pela primeira vez os seus membros viram a indizível misericórdia de Deus para com a humanidade caída, não se puderam calar. Estavam cheios de ânimo e desejo de cooperar com Deus em transmitir a outros as bênçãos que eles mesmos tinham recebido. Dando, também recebiam continuamente. Cresciam na graça e no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo. Qual é a condição de hoje?

«Irmãos e irmãs, vós que desde muito pretendes conhecer a verdade, pergunto-vos individualmente: Estão as vossas práticas em harmonia com a luz, os privilégios e oportunidades que o céu vos concedeu? É esta uma pergunta importante. O Sol da justiça nasceu à igreja e a obrigação desta é resplandecer. A toda a alma pertence o privilégio de progredir. Aqueles que estão unidos com Cristo crescerão em graça e no conhecimento do Filho de Deus, até alcançarem a estatura perfeita de homens e mulheres. Se todos aqueles que pretendem crer a verdade tivessem aproveitado bem as suas aptidões e suas oportunidades de aprender e praticar, ter-se-iam tornado fortes em Cristo. Seja qual for sua ocupação — lavradores, mecânicos, professores ou pastores, — se se tivessem consagrado completamente a Deus, poderiam ter-se tornado obreiros eficientes para o Mestre celestial.

«Mas que estão os membros da igreja fazendo, para que possam ser chamados cooperadores de Deus? I Cor. 3:9. Onde vemos o 'trabalho da alma'? (Isa. 53:11). Onde vemos os membros da igreja absortos em coisas religiosas, submissos à vontade de Deus? Onde vemos cristãos sentirem sua responsabilidade de fazer a igreja prosperar, bem animada, resplandecente? Onde estão os que não restringem ou medem seu trabalho de amor para o Mestre? Nosso Redentor deve ver 'o trabalho da Sua alma' e ficar satisfeito; qual a condição dos que professam ser Seus seguidores? Ficarão eles sa-

tisfeitos quando virem o fruto das suas obras?» — *Testemunhos*, vol. 6, págs. 422, 423.

Estas são perguntas solenes, e mostram como o Senhor considera a inércia do Seu povo. Qual será o resultado se esta condição de inércia continuar?

«Vemos estabelecerem-se grandes igrejas em diferentes lugares. Seus membros receberam o conhecimento da verdade, e muitos se contentam em ouvir a Palavra da Vida sem passar a luz a outros. Sentem pouca responsabilidade pelo progresso da Obra, pouco interesse na salvação de almas. Estão cheios de zelo por coisas profanas, mas não entretencem a religião nos seus negócios...

«Devido a oportunidades negligenciadas e abuso dos privilégios de que gozam, os membros dessas igrejas não estão crescendo 'na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo'. II S. Pedro 3:18. Por isso são fracos na fé, deficientes no conhecimento e crianças na experiência. Não estão arraigados e fundados na verdade. Se assim permanecerem, os muitos enganos dos últimos dias certamente os seduzirão, porque não terão discernimento espiritual para poder distinguir a verdade do erro ...

«Que podemos esperar senão retrocesso na vida religiosa, se o povo ouve sermão após sermão e não põem em prática as instruções? Se não for usada a habilidade dada por Deus, ela degenerará. Ainda mais, quando as igrejas estão entregues à inatividade, Satanás trata de lhes prover emprego. Ele ocupará o campo, induzindo os membros a se ocuparem em coisas que absorvem as suas energias, destroem a espiritualidade e fazem com que se tornem pesos para a igreja». — *Testemunhos*, vol. 6, págs. 424, 425.

«Que podemos dizer ao membro da igreja ocioso, para fazê-lo reconhecer a necessidade de desenterrar seu talento e entregá-lo aos banqueiros? Não haverá ocioso nem preguiçoso no reino dos céus.» — *Ibidem.*, pág. 434.

É esta a situação que enfrentamos. Muitos dos membros da igreja definham espiritualmente porque não usaram os talentos que Deus lhes conferiu, e por isso não terão lugar no reino de Deus. Pela sua inércia em salvar almas, manifestam não possuir o espírito de Cristo, que seu amor para

com Ele é mera profissão, e que não têm confiança real nesta mensagem. «Lançai pois o servo inútil nas trevas exteriores». S. Mat. 25:30.

O Remédio

«O maior auxílio que pode ser prestado ao nosso povo é ensiná-lo a trabalhar para Deus, e confiar n'Ele e não nos ministros. Que aprendam a trabalhar como Cristo trabalhou. Unam-se ao exército de obreiros, e façam trabalho fiel para Elle.» — *Testemunhos*, vol. 7, pág. 19.

«No momento em que for organizada uma igreja, ponha o ministro os membros a trabalhar. Será necessário ensiná-los como trabalhar com êxito. Dedique o ministro mais do seu tempo em educar do que em pregar. Ensine aos membros como transmitir a outros o conhecimento que eles mesmos receberam. Enquanto os novos convertidos deviam ser ensinados a pedir conselho dos mais experimentados na obra, deviam ao mesmo tempo também ser ensinados a não pôr o ministro em lugar de Deus.» — *Ibidem*, pág. 20.

«Os encarregados da direcção da igreja, deviam eleger membros hábeis e confiar-lhes responsabilidades, ensinando-os ao mesmo tempo a servir e abençoar a outrem...

«Fazei das reuniões missionárias reuniões instrutivas, nas quais se ensine ao povo como fazer trabalho missionário. Deus espera que Sua igreja discipline e prepare os membros para o trabalho de iluminar o mundo. Devia prover-se uma educação que levasse centenas de pessoas a entregar aos banqueiros os seus valiosos talentos.» — *Ibidem*, vol. 6, págs. 431, 432.

«O que agora se necessita para a edificação das igrejas é o devido concurso dos obreiros aptos para discernir e desenvolver talentos na igreja, — talentos que possam ser educados para o trabalho do Mestre. Devia existir um plano bem organizado para o emprego de obreiros que fossem a todas as nossas igrejas, grandes ou pequenas, para instruir os membros como trabalhar para a edificação da igreja, e a favor dos incrédulos. Instrução e educação é que são necessárias. Os que estão empenhados em visitar as igrejas, devem ensinar aos irmãos

e às irmãs os métodos práticos de fazer trabalho missionário.» — *Ibidem*, vol. 9, pág. 117.

Estas afirmações mostram claramente que o que sempre é necessário para despertar igrejas mornas é a instrução em métodos de trabalho para a salvação de almas. As igrejas debilitaram-se por falta de exercício espiritual. É preciso que sejam restauradas, mediante darem a outros aquilo que elas mesmas receberam, e exercitando suas faculdades espirituais em trazer outros à verdade. Não há outro meio.

Bem sabemos que a obra de Deus nesta terra será terminada, pois Ele mesmo no-lo disse. Apoc. 10:7. Visto como não poderá terminar antes que os membros da igreja unam seus esforços para fazê-la, é óbvio que os membros que são leais a Deus darão ouvido a Seu chamado para se levantarem e se lançarem à obra de ganhar almas. Na página 126 do volume 9 dos *Testemunhos* fala-se-nos do grande movimento de reforma que há-de vir: «Em visões da noite passaram diante de mim cenas de um grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos estavam glorificando a Deus. Os enfermos eram curados e outros milagres se operavam. Fazia-se notar um espírito de intercessão, como o que se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. Viam-se centenas e milhares visitando famílias e explicando-lhes a Palavra de Deus. Corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Em toda a parte abriam-se portas para a proclamação da verdade. Parecia o mundo estar sendo iluminado pela influência celestial. O verdadeiro e humilde povo de Deus recebia grandes bênçãos. Ouvi vozes de gratidão e louvor, e parecia haver uma reforma igual à que testemunhámos em 1844. *Todavia, alguns recusavam converter-se.*» — *Testemunhos*, vol. 9, pág. 126.

O Senhor chama agora todo o adventista do sétimo dia para alistar-se em trabalho activo no conflito final. Milhares atenderão, alguns porém recusarão. Fica com cada membro da igreja resolver, ou seguir o caminho fácil e confortável do mundo, ou levar uma vida de sacrifício pessoal e serviço, e finalmente achar-se com os que, em breve, dirão como disse Jesus: «Eu glorifiquei-Te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer.»

O CÉU E O INFERNO

SEGUNDO

A BÍBLIA SAGRADA

A Bíblia não ensina que fogos do inferno estão ardendo agora, nem pretende que os pecadores estejam já sendo atormentados. O inferno não é um local permanente de castigo, onde os ímpios devam ser guardados vivos através da eternidade. É, sim, um local onde os ímpios, depois do dia de juízo, serão plena e finalmente destruídos.

Esta doutrina é claramente ensinada pelo apóstolo Pedro. Declara ele:

«Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com águas do dilúvio. Mas os céus e a Terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o dia do juízo e da perdição (destruição) dos homens ímpios... Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite: no qual os céus passarão com grande estrondo e os elementos, ardendo, se desfarão e a Terra e as obras que nela há se queimarão. Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão e os elementos, ardendo, se fundirão. Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra, em que habita a justiça». II Pedro 3:6, 7, 10-13.

Este plano é muito lógico. Os ímpios serão punidos no próprio local onde foram cometidos os seus pecados. Seria muito estranho se eles devessem ser transportados a outro planeta onde a maldição do pecado nunca sobreveio e sofressem então aí pelas suas más acções. Não; precisamente como os antediluvianos foram destruídos sobre a Terra, assim, no fim, todos os ímpios terão o seu fim na Terra, não num di-

lúvio de água mas num lago de fogo e enxofre.

A Terra purificada

O fogo do juízo final realizará um duplo propósito. Não só serão destruídos por ele o pecado e os pecadores, mas a própria Terra será purificada. O pecado poluiu o próprio terreno que o homem pisa e o próprio ar que ele respira. A Terra está cheia de insectos destruidores da vida, de micróbios causadores de doença e sujidade; e a sua superfície tem sido horrivelmente maculada pelas obras do homem e como resultado da triplice maldição. Está cheia também de ervas daninhas, espinhos e cardos e de milhares de plantas nocivas que impedem o homem na sua luta por produzir alimentos e flores. Com efeito a habitação do homem está tão cheia dos resultados do pecado humano que se tornou um lugar absolutamente impróprio para habitação de um povo justo. A Terra, portanto, deve ser purificada; porque uma vez mais deve tornar-se um paraíso e o lar dos remidos. Este é mais um motivo porque o fogo do juízo será aceso aqui sobre este planeta.

Segundo as palavras de S. Pedro acima citadas os próprios «elementos, ardendo, se desfarão e a Terra e as obras que nela há se queimarão». É claro que toda a Terra deve tornar-se uma imensa caldeira de fogo e deve ser inteiramente derretida e purificada de toda a coisa má como preparação para a reconstituição e restauração da primitiva beleza pela mão do Criador. É isso que precisamente sucederá. «Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra, em que habita a justiça». II S. Pedro 3:13.

Destruição completa

A destruição dos ímpios será completa. Não tendo recebido de Cristo o dom da imortalidade, eles perecerão rapidamente nas chamas de Geénna (*). Isto destruí-los-á por completo.

«Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno: todos os soberbos e todos os que cometem impiedade serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo... E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés naquele dia que farei, diz o Senhor dos Exércitos». Malaquias 4:1, 3.

Ao descrever o destino dos inimigos de Deus, exclama o profeta Nahum: «Que pensais vós contra o Senhor? *Ele mesmo vos consumirá de todo*: não se levantará por duas vezes a angústia. Porque ainda que eles se entrelacem como os espinhos e se saturem de vinho como bêbados, serão inteiramente consumidos como palha seca.» Nahum 1:9, 10.

E com isto concorda a advertência feita aos pecadores pelo Salmista:

«Não te indignes por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que obram a iniquidade. Porque cedo serão ceifados como a erva e murcharão como a verdura... Porque os malfeitores serão desarraigados; mas aqueles que esperam no Senhor herdarão a Terra. Pois ainda um pouco e o ímpio não existirá; olharás para o seu lugar e não aparecerá... Mas os ímpios perecerão, os inimigos do Senhor serão como a gordura dos cordeiros: desaparecerão e em fumo se desfarão... Vi o ímpio com grande poder espalhar-se como a árvore verde na terra natal. Mas passou e já não é: procurei-o, mas não se pôde encontrar». Salmos 37: 1, 2, 9, 10, 20, 35, 36.

Não há pecadores à prova de fogo. Deus podia mantê-los vivos mesmo na Geénna, mas para que servia isso? Deseja Deus que o Seu belo universo seja manchado para sempre por uma hedionda mancha onde

(*) **Nota.** Segundo as línguas originais da Bíblia há dois termos com sentidos diferentes: Inferno, que significa a sepultura, e Geénna, o fogo do juízo final — embora traduzidos indistintamente **inferno**.

Seus inimigos se contorçam em dores e torturas através da eternidade? Mil vezes não. Ele dará um fim completo aos Seus inimigos e destruirá até as próprias obras das suas mãos. Desarraigá-los-á para sempre. Serão como se nunca tivessem existido. Ver Obadias 16.

A segunda morte

Em Apocalipse é indicado que a destruição que vem a Satanás e aos pecadores no lago de fogo é a segunda morte. «E a morte e o inferno (sepultura) foram lançados no lago de fogo; esta é a segunda morte». Apocalipse 20:14.

Devido ao pecado de Adão todos, excepto os justos que estejam vivos quando Jesus vier, têm de sofrer a primeira morte. Dessa morte deve haver uma ressurreição. «Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão *vivificados* em Cristo». I Coríntios 15:22.

Mas da segunda morte que os homens sofrerão por causa dos seus pecados não haverá ressurreição. É o termo final e completo da vida. Os ímpios são «desarraigados». A sua morte é eterna. Nunca mais voltarão a viver.

Fogo eterno

Na verdade o fogo com que os ímpios serão destruídos é chamado «fogo eterno». Eles hão-de ir para o «castigo eterno»; isto é, esse castigo será eterno nos seus efeitos. O castigo que será inflingido aos pecadores é a *morte*, morte eterna pelo fogo da Geénna, destruição tão completa que os pecadores jamais podem voltar à vida. Será como se nunca tivessem existido.

O facto de que a Bíblia fala do castigo eterno para os ímpios tem levado muitos a tirarem a conclusão de que os ímpios continuam a sofrer no inferno eternamente. Esses têm grosseiramente interpretado mal os ensinamentos das Escrituras. Um texto assim interpretado é S. Mateus 25:46: «E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna».

Este versículo fala de «castigo eterno», e não de tormentos no inferno. Pelo con-

trário, menciona que os que sofrem a segunda morte estarão para sempre mortos. «O salário do pecado é a morte», e a segunda morte é eterna. Desta não há ressurreição. Os ímpios nunca mais voltarão a viver. Assim o seu castigo — a morte — é eterno (Orig Kólasis: «castigo» e não tormento).

Há uma vasta diferença entre castigo eterno e sofrimento eterno. Não haverá sofrimento eterno. Deus não é um tirano nem um inimigo. Ele não tem prazer na morte dos ímpios e certamente não tem qualquer desejo de continuar a torturá-los através de toda a eternidade. Ele tem de os destruir para desarraigar o pecado e a rebelião e tornar o universo um lugar seguro e decente em que o Seu povo possa habitar. A destruição dos pecadores será como a da «palha». Eles serão consumidos como a gordura dos cordeiros; «em fumo se desfarão». Ver Salmos 37:20. E isso será o seu fim.

Aqui cai a cortina sobre uma era de rebelião e de pecado. Cristo o Libertador, revelou-Se poderoso para salvar. Seu arqu-inimigo já não existe. Os resultados da maldição foram destruídos. O fogo derreteu e purificou a Terra. Uma vez mais o universo está puro. Uma vez mais, é restaurada a perfeita harmonia. Agora Jesus é o Senhor de tudo.

Paraíso restaurado

A rebelião terminou. Jesus Cristo é gloriamente vitorioso. O fogo da Geénna realizou a sua obra purificadora. Satanás, o pecado e os pecadores desapareceram. Pereceram por completo de sobre a face da Terra. Desapareceram também todas as obras do homem. Toda a coisa impura e nociva foi destruída nas chamas. Os resultados do pecado estão no passado.

A destruição de Satanás e de todos os seus seguidores abrirá finalmente o caminho para o estabelecimento completo do reino de Cristo sobre a Terra e a restauração do homem no seu lar edênico.

Era o propósito original de Deus que os homens habitassem a Terra a esse propósito, embora temporariamente interrompido pela introdução do pecado, realizar-se-á finalmente

Esta Terra é a herança do homem. A

promessa feita a Abraão e à sua semente, de que eles herdariam a Terra, não foi uma promessa vã. Cumprir-se-á tão certamente como é certo que Deus vive, pois Ele «não é tardio» acerca das Suas promessas. Nenhuma delas falhou. «Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei de Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé». Romanos 4:13.

Depois de descrever a purificação da Terra pelo fogo da Geénna, o apóstolo Pedro exclama em êxtase: «Mas nós segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra em que habita a justiça». II Pedro 3:10-13.

A Nova Terra

O lago do fogo não é, portanto, para destruir a Terra, mas apenas para derreter e purificar. Quando o fumo tiver subido e restarem apenas cinzas, o Senhor exercerá uma vez mais o Seu poder criador para renovar. Esta é, também, a promessa de Deus, pois «O que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas». Apocalipse 21:5.

Isto é tão velho como o plano da redenção. Quando Deus estabeleceu o programa da salvação do homem incluiu não só a sua pessoa, mas também o seu lar. A Bíblia abunda em promessas de Deus acerca de uma renovada Terra na qual o Seu povo habitaria. Assim, declarou através do profeta Isaías:

«Porque eis que crio novos céus e nova Terra, e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que Eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo gozo. E folgarei em Jerusalém e exultarei no Meu povo; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor». Isa. 65:17-19.

Com isto concordam as palavras de Jesus proferidas no Monte das Bem-aventuranças quando disse: «Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra». S. Mateus 5:5.

O amado João diz-nos que em visão viu o lar dos homens em seu restaurado estado. «E vi um novo céu e uma nova Terra

porque já o primeiro céu e a primeira Terra passaram e o mar já não existe». Apocalipse 21:1.

Na nova Terra será plenamente restaurada a glória do Éden. A Terra será como era antes de a sombra da maldição cair sobre ela. Que edênico lugar será por eterna habitação do povo de Deus!

Este é o lar há muito perdido pelo homem. Tudo o que foi perdido por ele na queda, ser-lhe-á de novo restituído na nova Terra. Haverá uma «restauração de tudo», diz Actos 3:21. O primeiro domínio será restituído ao homem por meio de Cristo (Miqueias 4:8); e — graças a Deus! — a restauração inclui a volta do jardim do Éden para a Terra. Uma vez mais o homem andará junto ao rio da vida e beberá das suas águas cristalinas e vitalizantes. Uma vez mais terá livre acesso à árvore da vida, da qual há tanto tempo fora exilado. Sim, o Éden, o jardim de Deus, o primeiro lar do homem, uma vez mais derramará sobre a Terra a fragrância da sua floração e verdadeira.

A Nova Jerusalém

A Nova Jerusalém tornar-se-á capital eterna. Esta maravilhosa cidade, com as suas imponentes muralhas de jaspe, as suas 12 portas, cada uma delas uma sólida pérola, com as suas ruas de transparente ouro; com as suas «muitas moradas» preparadas para os santos por Jesus e pelos anjos estará já repousando sobre a Terra. Terá vitoriosamente escapado da terrível conflagração que destruiu Satanás e os pecadores e do interior das suas muralhas o Rei Jesus governará as nações.

S. João tentou uma descrição desta gigantesca metrópole, tal como a viu descer do Céu. Descreveu-a como tendo «a glória de Deus, e a luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente». Apocalipse 21:11.

«E ouvi uma grande voz do Céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará e eles serão o Seu povo e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus». Apocalipse 21:3.

«E nela não vi templo», declara S. João,

«porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-poderoso e o Cordeiro. E a cidade não necessita nem de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumado e o cordeiro é a sua lâmpada. E as nações andarão à sua luz; e os reis da Terra trarão para ela a sua glória e honra. E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite». Versículos 22-25.

Assim a Terra, campo de batalha das forças do bem e do mal, que durante cerca de 6000 anos esteve nas mãos do chefe rebelde, não será apenas restituída ao reino de Deus, mas será exaltada acima de todos os miríades de mundos e planetas na vasta criação de Deus. A cidade de Deus, como memorial estará localizada no próprio local onde Jesus foi condenado à morte pelos Seus inimigos. Nessa, altura Satanás pensava que tinha a vitória. Tinha conseguido colocar inerte o Filho de Deus na sepultura e tinha-o selado com o selo romano. Mas Ele, que saiu como vencedor do diabo e da morte, estabelecerá o Seu trono eterno no monte de Sião como memorial perene do Seu completo triunfo sobre todos os Seus inimigos.

«E o Senhor será rei sobre toda a Terra: naquele dia um será o Senhor e um será o seu nome... E habitarão nela e não haverá mais anátema, porque Jerusalém habitará segura». Zacarias 14:9-11.

Quem pode descrever a glória daquela Terra? Quem pode avaliar o valor da vida eterna? Os mais arrebatados sonhos do homem não o podem conceber. «As coisas que o olho não viu, o ouvido não ouviu e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que O amam». 1 Coríntios 2:9. Mais alto do que o mais elevado pensamento humano pode atingir é o amor de Deus pelos Seus filhos e esse amor manifestar-se-á na recompensa que Ele deseja prodigalizar-nos na vida futura. Só então fruiremos plenamente a vida mais abundante que Jesus declarou ter vindo dar-nos.

A Bíblia abre com o Éden perdido, com a maldição repousando pesadamente sobre o homem que foi apartado de Deus e está sob a sentença de morte. Termina com o Éden restaurado como o homem plenamente reinstalado no seu lar perdido e desfrutando a honra e bênção da imortalidade e da vida eterna.

Notícias do Campo

FIM DE JORNADA

No dia 7 de Outubro de 1974, descansou no Senhor o nosso mui prezado irmão, Pastor Maurício Nunes. O nosso irmão disse-nos que iria a Nova Lisboa a fim de buscar a menina do filho para fazer o seu casamento no dia 6 de Outubro. Tudo estava preparado em casa para a festa do casamento. O recinto estava já esboçado, o pastor já avisado, e o coro convidado.

Na véspera do dia em que desejava tomar a carreira para casa com a rapariga do filho, apanhou uma trombose e foi internado no Hospital Central de Nova Lisboa, onde permaneceu 12 dias sem falar nem abrir os olhos até deixar de respirar.

O pastor Maurício Nunes, aceitou a mensagem muito novo. Pois em Agosto no Congresso do Gungue, contou-nos que ainda novo, o pai dele tinha-lhe mandado vender o porco no Beque (Missão do Bongo). Quando chegou perto da horta da Missão, encontrou os alunos que estavam a trabalhar e lhe disseram que não fosse ao senhor Beque com o porco, e se ele o visse seria preso. Então, cheio de medo voltou para o quimbo (aldeia). Em 1933 resolveu ir viver com os missionários que não comiam o porco. Chegou à Missão e começou a estudar. Em 1938, faltando um ano para terminar o curso Bíblico, interrompeu os estudos por causa do fracasso da sua vista. Nessa altura foi convidado a ir à Missão do Cuale para trabalhar por conta do pastor João Esteves, missionário jovem que acabava de realizar a sua cerimónia matrimonial.

Em 1940, foi convidado a voltar para o Bongo a fim de ocupar a responsabilidade de perceptor do Instituto do Bongo.

De 1950 até 1952, foi chamado a exercer a responsabilidade de Evangelista ambulante ao lado do pastor Venâncio Chipopa.

Em 1953, foi enviado para Chinguenda, como pastor e dirigente da área e em 1954, foi consagrado como pastor. Continuou a trabalhar em Chinguenda, tendo esta es-

cola Central como primeiro professor, o jovem Isaque D. Tadeu.

Continuou em Chinguenda até 1964, quando foi transferido para Talala. E em 1970 foi reformado em Talala.

Apesar de ser reformado, continuou activamente na obra do Senhor.

O pastor Maurício Nunes foi um grande historiador. Conhecia muitos ditados e tradições africanos e sabia relacioná-los com as grandes verdades da Bíblia. As suas mensagens fortaleciam os ânimos, despertavam a curiosidade dos jovens e alimentavam o interesse das criancinhas.

A sua voz do umbundo misturado com o arcaísmo dos Bailundos e com o clássico dos Quiacas, dava a ressonância duma cadência que despertava toda a congregação até ao fim da mensagem.

Antes da sua morte, o nosso prezado pastor preparou uma propriedade legalizada, onde tem boas casas e um lindo pomar. E pediu, antes da sua morte, para ser sepultado dentro da sua propriedade. Por isso, descansa a 50 metros de distância da sua casa.

Deixa na igreja do Senhor, gratas recordações através dos seus 34 anos de activo labor e fervoroso zelo na causa do Senhor. Também deixa na igreja, filhos, um genro na activa responsabilidade, 16 netos e um bom nome inesquecível até à manhã da ressurreição dos justos.

Na cerimónia fúnebre, estiveram presentes a União, representada pelo director do Campo Missionário de Nova Lisboa, pastor Pedro Matapalo, acompanhado pelos pastores David Siria, Artur de Oliveira e senhoras; O Campo Missionário da Huíla, representado pelo irmão Tadeu e Secretário, pastor Daniel A. Gonçalves; a área de Talala, pelo pastor Dinis Capiñala, anciãos e professores; área de Chinguenda, pelos anciãos e professores; e muitos membros e familiares.

Isaque Tadeu